

Editorial

Este segundo número da *Caletroscópio*, no ano de 2019, dá sequência à nova política da Revista proposta a partir do Volume 7, No.1: o período de janeiro a junho será sempre dedicado às publicações dos estudos literários, já julho e dezembro, aos estudos linguísticos. Neste Volume 7, No.2, é possível agrupar os artigos em três subáreas da Linguística.

Ana Luíza Krüger Dias, utilizando uma concepção de metapragmática “aplicada às textualidades”, leva-nos a perceber e compreender que esse conceito, aliado à análise linguística, pode propiciar um ensino de língua mais crítico de forma a deixar mais explícita a relação intrínseca entre língua, cultura e sociedade. Thais de Souza Schlichting, em “Letramentos Acadêmicos na Área da Engenharia: Discussões em Contexto de Aprendizagem Ativa no Ensino Superior”, com base em entrevistas realizadas com estudantes e professores do Mestrado Integrado em Engenharia e Gestão Industrial (MIEGI) da Universidade do Minho, discute como uso de metodologias ativas permitem práticas de letramento inseridas às práticas de linguagem específicas de uma área profissional. Já os autores Thaís Maíra Machado de Sá, Cândido Samuel Fonseca de Oliveira e Cláudia Brandão Vieira analisam criticamente a nomenclatura gramatical dos tempos verbais em cinco livros de PLA (Português língua adicional) e, diante das inconsistências localizadas, fazem uma proposta didática para o ensino dessa estrutura. Esses três artigos se circunscrevem à área da linguística que se dedica ao ensino de língua, ou à Linguística Aplicada.

Um segundo conjunto de artigos podem ser agrupados em estudos discursivos: Alessandra Folha Mós Landim faz uma análise criteriosa de enunciados extraídos de jornais marianenses, *O Cruzeiro* e *Voz de Marianna*, que tenham relação com as noções de mineiridade. Segundo ela, tais noções são utilizadas como ferramenta discursiva. Por sua vez, Paulo Henrique Mendes e Gustavo Leal Teixeira, utilizando os jornais *Folha do Norte* e *Gazeta do Norte* da cidade de Montes Claros-MG, do ano de 1930, discutem e mostram como a descrição de valores positivos ou negativos, como uma formação discursiva, pode ser delineado nos *corpora* analisados. Elisson Ferreira Morato, em “Algumas questões sobre ficção, discurso literário e Análise do Discurso”, analisa o poema épico *Vila Rica*, de Cláudio Manoel da Costa (1729-1789) e o romance *A Jangada de Pedra* de José Saramago (1922-2010) e discute como “a ficção no discurso literário é constituída pelo contrato de comunicação, pelos imaginários sociodiscursivos e pelo estilo.”

E finalmente, mas não menos importantes, os cinco últimos artigos têm em comum os estudos da Sociolinguística. Rodrigo Mazer Etto apresenta resultado de uma pesquisa feita a partir de entrevistas com adolescentes, que cumpriam medidas socioeducativas de privação de liberdade, e

discute como esses jovens sofreram preconceito linguístico devido ao uso de gírias. Claudemir Souza, baseando-se em diferentes aportes teóricos, dentre os quais a Sociolinguística, analisa postagens de uma página “Língua Portuguesa” – que faz parte da rede social *Facebook* – e discute a desvalorização da variação linguística, inerente à língua, por parte da idealizadora da página, em detrimento à supervalorização da norma de prestígio. Já as autoras Anna Kesya Ferreira Lima, Aluiza Araújo e Kethleen Claudino, em “O imperativo gramatical em gibis da Turma da Mônica: um estudo em tempo real”, analisam *corpora* compostos por gibis a fim de verificarem o uso do modo verbal imperativo na forma associada ao indicativo ou ao subjuntivo nesse gênero. Por último, temos com Felipe Santos dos Reis e Rubens Marques de Lucena uma interessante discussão sobre a “Aquisição variável de sequências triconsonantais por aprendizes campinenses de inglês como L2.” Os achados dos autores indicam que “a sonoridade das consoantes anteriores é estatisticamente significativa para a aplicação de estratégias de reparo”, o que vai encontro dos princípios universais da boa formação de sílaba. Finalmente, o artigo “Vozes femininas plurilíngues atravessando a fronteira Venezuela-Brasil” traz um misto de discussão sociocultural e sociolinguística, porque apresenta a situação de duas mulheres venezuelanas que passam a viver em Boa Vista, mas sentem os dissabores e sabores de viver fora do seu País, mas, ao mesmo tempo, sofrem com questões culturais e linguísticas que podem ser definidas como preconceito.

Como podemos entrever, os artigos que a *Caletroscópio* traz à lume apresentam interessantes discussões sobre essas três subáreas dos Estudos Linguísticos.

Desejo-lhes uma boa leitura!

Soélis Teixeira do Prado Mendes
Editora